

“EM MEU CAETITÉ”: A CIDADE ATRAVÉS DOS LIVROS DE MEMORIALISTAS

Lielva Azevedo Aguiar

Mestranda em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

E-mail: lielvaaguiar@gmail.com

Palavras-chave: Memória. Caetité. Intelectualidade. Progresso.

A cidade de Caetité¹, ao longo de sua história, reuniu diversos relatos que têm auxiliado e/ou instigado a pesquisa historiográfica sobre a região. Das narrativas dos viajantes (que passaram por Caetité durante o século XIX e início do século XX) aos livros de memorialistas (que começaram a ser publicados a partir da segunda metade do século XX) é possível somar uma gama considerável de relatos que tratam de diferentes aspectos da cidade, em tempos distintos de sua história. Entretanto, o presente artigo pauta-se apenas na análise de três livros de memorialistas: *Caetité e o Clã dos Neves*² (1975) de Marieta Neves Lobão,³ *Rescaldo de Saudades*⁴ (1986) de Flávio Neves⁵ e

¹ Cidade localizada no Alto Sertão da Bahia - região limítrofe entre os Estados da Bahia e Minas Gerais, com traçado “imaginário”, conforme aponta ESTRELA (2003). Segundo NEVES (1998, p. 22), a “Região do Alto Sertão da Bahia, referenciada na posição relativa ao curso do Rio São Francisco na Bahia e ao relevo baiano, que ali projeta maiores altitudes.” Também é chamada de “Alto Sertão da Serra Geral, ou simplesmente Sudoeste Bahiano”.

² O livro é dividido em vinte e dois capítulos, separados em três partes, onde as cronologias se perdem e as temporalidades e histórias se misturam. Na dedicatória do livro aos netos, Marieta Lobão espera que esses, “se mirem nos exemplos de verdadeira beleza moral e intelectual que os nossos passados lhes legaram”, uma herança que ela diz visualizar “através da moldura evocativa de Caetité”. A cidade não é um plano secundário em seus escritos, ao contrário, a autora procura caracterizar da melhor forma o “meio” onde seus familiares se estruturaram como “clã”, utilizando como auxílio à sua memória, “informações de particulares”, dados encontrados na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – (IBGE – 1958) e exemplares do jornal *A Penna*, o qual, embora não faça citações diretas, explicita nos seus agradecimentos a Sadi Gumes (filho do jornalista caetiteense João Gumes), “cuja valiosa colaboração em dados mais antigos e preciosos, facilitou-me a ingente tarefa de pesquisá-los”.

³ A autora nasceu em Caetité, por volta da segunda década do século XX, seguiu a tradição de uma família de professores e escritores, se diplomando pela Escola Normal, na década de trinta. Era prima e nora de João Gumes (o fundador do jornal *A Penna*), neta de Marcelino José das Neves (professor e escritor) filha de Maria Theodolina Neves (estudante da Primeira Escola Normal, que funcionou entre 1896 e 1904, e professora da Escola Municipal de Caetité); além de ter vínculos familiares com outras pessoas ligadas à instrução e à imprensa em Caetité. Seu livro foi concluído em 1974, quando a autora já estava residindo em Salvador. Segundo SANTOS (2005, p. 70): Marieta Lobão publicou ainda *Algodão Seda* (crônicas de suas vivências de menina em Caetité) e “Oblatan” (em homenagem à sua mãe). Essas obras, entretanto, não foram encontradas no decorrer da pesquisa.

⁴ O livro é uma publicação simples, não tem apresentação, dedicatória, agradecimentos, é dividido em tópicos curtos, que tratam de assuntos variados como “Vida Social”, “Ensino e Cultura”, “O Civismo em Caetité”, “O Teatro”, “A Política”, “Alguns tipos humanos”, dentre outros. Diferente dos outros livros, em *Rescaldo de Saudades* não há fotografias, poesias, nem referências explícitas a consultas de outros

*Caetité: Pequeninina e Ilustre*⁶ (2005) de Helena Lima Santos⁷. A escolha se deu pelo período em que esses livros foram escritos, publicados, e pela acessibilidade, uma vez que estes são os mais conhecidos e utilizados como referência quando o assunto é a “história de Caetité”.

A maneira como Caetité é representada nestes livros é muito semelhante e se divide em aspectos comuns: a intelectualidade, o progresso, as famílias ilustres, etc. tendo sempre como plano de fundo os modos de viver das elites naquela cidade. A mesma trilha seguida pelos memorialistas já incita uma suspeita sobre a escolha consciente dos encaminhamentos dados às narrativas; sobre os ocultamentos voluntários das ações “desprestigiadas” que também compuseram o cotidiano da cidade - e daqueles que se dispuseram a lembrar - ainda que ilegitimamente, ou em tom de “burburins”. Como aponta Ricœur (2007, p. 71): “o ato de fazer memória vem inscrever-se na lista dos poderes, das capacidades, que dependem da categoria do ‘eu posso’”. O fazer memória, segundo esse autor, está inscrito dentro de um campo de poder, não é uma ação inconsciente. O sujeito pode ou não rememorar, pode ou não escrever, pode ou não revelar, como também pode dar as dimensões convenientes à sua memória e é partir

materiais de suas próprias lembranças. Foi possível notar, tanto na obra de Flávio Neves quanto de Marieta Lobão, o desejo de manter vivas às memórias de seus familiares, bem como de ressaltar o papel de destaque que avós, pais, tios e primos, ocuparam naquela sociedade. Suas lembranças, em virtude de pertencerem à mesma família, por vezes se embarçam, se completam, apesar da sensível diferença entre a escrita recatada e ponderada de Marieta Lobão e a escrita mais desprendida de Flávio Neves.

⁵ Flávio Neves nasceu em Caetité, em 1908, e nesta cidade permaneceu até a sua adolescência, já na década de 1920, quando então se mudou para São João Del Rei a fim de completar os estudos e depois para Belo Horizonte, onde se formou em Medicina. Durante este período vinha à Caetité apenas nas férias escolares e não mais voltou a residir na cidade natal. Foi sobrinho e aluno de Maria Theodolina Neves (mãe de Marieta Lobão), filho de Antônio Marcelino das Neves (escrivão de autos cíveis e criminais àquela época) e também sobrinho e visinho do jornalista João Gumes. Flávio Neves escreveu sua obra baseadas nas suas memórias de infância e nas memórias do que “ouvia dizer”, tal fato explica a citação de fatos ocorridos no século XVIII e XIX. Nesse livro, em diversos momentos, são notórias as comparações entre Caetité e as cidades mineiras freqüentadas pelo autor, tais como “em Minas não é assim”, “em Minas se diz de outra maneira”. A influência mineira na sua trajetória pessoal fica evidente com a elaboração do capítulo intitulado “Cidadão Mineiro”. Segundo SANTOS (2005, p. 72), “*Rescaldo de Saudades* é uma obra póstuma, editada pela viúva do autor”.

⁶ A primeira e edição desta obra, mais reduzida, foi publicada na década de 70 e a segunda, ampliada e corrigida (utilizada nesta pesquisa), é de 1997. Nesta segunda edição, as ampliações e correções são realizadas a partir de informações de outras pessoas mediante relatos orais, colhidos pela própria autora, bem como da utilização das obras de Marieta Lobão e Flávio Neves e também através da consulta ao *Jornal A Penna*. A consulta a este periódico fica evidente nos agradecimentos proferidos à família Gumes: “que permitiram consultar as fontes de informações. [...] “Os velhos números de *A Penna* e notas fornecidas por Sadi Gumes, são as principais fontes destas minhas anotações” (SANTOS, 2005, p. 18).

⁷ Helena Lima Santos nasceu em 1904, era natural de Livramento do Brumado, cidade próxima a Caetité. Formou-se em Magistério em Salvador e foi para Caetité depois da reinauguração da Escola Normal, em 1926, para lecionar Geografia. Nesta cidade se casou e viveu o resto de sua vida. Sua ida para Caetité relaciona-se aos vínculos políticos entre seu irmão, Hermes Lima, e Anísio Teixeira, então Inspetor de Ensino do governo estadual. Helena Lima, além de professora, ocupou o cargo de Diretora da Escola Normal no biênio 1951-1952.

dessa concepção da memória e de suas múltiplas possibilidades que se encaminha a presente discussão.

1. “Marcava-se Caetité, no meio dos extensos sertões, como um ninho de cultura”

Marieta Lobão, ao lançar o olhar sobre o passado em busca de suas lembranças, constrói a ideia de uma cidade com um grande destaque cultural, vista por ela como um oásis de cultura no meio de um sertão rude e pobre. Descrevendo essa proeminência de forma peculiar, a autora narrou: “CAETITÉ sempre foi um **enigma**, um **fenômeno social**, uma dessas **raridades** da natureza que **seleciona** e aglutina, isoladamente, populações como oásis em meio aos áridos e inóspitos desertos” (LOBÃO, 1975, p. 32). (Grifos meus.) Flávio Neves, nesta mesma perspectiva, observou que “marcava-se Caetité, no meio dos extensos sertões, como um **ninho de cultura**;[...] uma **semente inicial** de boa sepa, ensejou um **culto à inteligência**” (NEVES, 1986, p. 5). (Grifos meus.)

Flávio Neves (1986), Marieta Lobão (1975) e Helena Lima Santos (2005) não falaram de Caetité, como uma cidade dentre tantas. Suas narrativas pretenderam mostrar o seu lugar de origem, e/ou de vivência, um lugar entrelaçado a suas histórias de vida. Dessa forma, era importante endossar a ideia de uma cidade que se superava às demais, que tinha como marca uma inclinação à inteligência e se expressava como uma “raridade” na região. Para Michael Pollak (1989, p. 11): “o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo”. Assim, buscar o passado de Caetité, através da memória, representava a busca do próprio passado, através do qual podiam se situar em um lugar social, prestando contas de si mesmo.

Nos três livros é possível notar a defesa de que Caetité era um “habitat”⁸ propício e escolhido para o desenvolvimento de uma sociedade - iniciada por uma “boa semente” - que nunca se desviara dos caminhos da intelectualidade e da erudição. Para Marieta Lobão (1975), essa autonomia encontra raízes nos primeiros núcleos sociais que se estabeleceram em Caetité. É uma defesa de que a solidez e o progresso cultural da cidade foram características genéticas, imprimidas pelas primeiras famílias e, por isso, ainda notáveis em seus descendentes. Essa ideia é presente durante todo seu discurso,

⁸ Expressão utilizada por Marieta Lobão (1975) no primeiro capítulo do seu livro, “Caetité – O Meio”, onde defende a ideia de que Caetité era um lugar propício e escolhido para o desenvolvimento de uma população diferenciada, em contraste com os demais sertanejos.

entretanto é importante lembrar que, ao falar de Caetité, ela evoca a si mesma e seus familiares dentro desse espaço, lembrando, assim, uma cidade ileso de “maus” habitantes, quer no passado, quer no presente vivenciado pela autora.

Flávio Neves (1986) também explicita a ideia de que a inclinação à intelectualidade era uma herança das primeiras famílias do lugar: “A diferenciação cultural de Caetité vem dos seus primórdios” (NEVES, 1986, p. 7). Em seu livro, volta sua atenção para as experiências que estiveram, de algum modo, ligadas à cultura letrada, à erudição e à “civilidade”, fazendo-o constatar que “havia, pois, um refinamento social” (NEVES, 1986, p. 5).

Tal os outros autores, Helena Santos (2005) se prende a destacar aspectos relacionados à cultura letrada, como, por exemplo, as apresentações teatrais, a imprensa e a instrução educacional, entendidos como “desenvolvimentos” da cidade. Contudo, há também na obra desta autora o princípio de que a intelectualidade e a ilustração foram características determinadas desde os primeiros moradores:

Desde o começo de sua formação, orientou-se a atividade politizante da nova vila como um **centro de cultura**, onde a **instrução representou sempre um papel dominante** sobre o mundo dos negócios, papel que vem mantendo-se até os dias presentes (SANTOS, 1997, p. 47). (Grifos meus.)

Observa-se que todos os memorialistas reivindicaram para Caetité o signo de “centro cultural”, defendendo que a intelectualidade fora uma marca registrada desde seus primeiros moradores. Marieta Lobão (1975) justificou essa intelectualidade a partir da “seleção de espíritos cultos”, que compôs a sociedade caetiteense. Esses “paradigmas de cultura e poder” é que dariam a Caetité “os foros de civilidade” e fariam dela uma cidade ímpar, constituída por uma “constelação de homens ilustrados”. Essa defesa, que faz surgir uma memória ligada à intelectualidade, traz a tona vivências somente relacionadas à elite ilustrada, excluindo da história da cidade uma gama de sujeitos que não cabem neste formato de inteligência. Preservar a intelectualidade seria então, a missão das futuras gerações, que jamais deveriam permitir que Caetité se desviasse de tal tradição:

Para lá afluíram [...] pessoas de nível intelectual capaz de refletir a cultura de então. Muitas das famílias ali fixadas levaram consigo levaram consigo o gosto pelas coisas do espírito. Conservar essas prendas da civilização, mantê-las vivas, afeiçoá-las ao tom local de

vida, foi o trabalho de várias gerações de caetiteenses (LOBÃO, 1975, p. 8).

Imprimir a intelectualidade como marca do caetiteense, daquele que conserva as “prendas da civilização”, foi uma maneira de diferenciar os sujeitos, o “verdadeiro” caetiteense, daquele sujeito comum, que mesmo morando na cidade, em nada se parecia com os filhos legítimos do lugar. Ao passo que os memorialistas se identificavam como filhos ou parentes de pessoas intelectuais, professores, escritoras, escritores, etc., ou como os próprios intelectuais, eles estavam se inserindo nessa vertente dos legítimos filhos, elegendo a si mesmos como herdeiros e continuadores da propalada tradição.

2. “Chega-se à conclusão de que Caetité era uma cidade civilizada”

No intuito de comprovar essa intelectualidade e cultura, os memorialistas desfiaram elogios sobre a cidade em que o suposto progresso e a civilidade foram resultados de uma sociedade que ambicionava os modos de vida “mais avançados”. Flávio Neves (1986), depois de discorrer sobre os aspectos que “ascendiam” aquele lugar, conclui: “Pelo que já expusemos antes chega-se à conclusão de que Caetité era uma cidade civilizada [...] Era tida como a Princesa do Sertão e com razão, pois contava com uma elite esclarecida e um povo que a admirava e respeitava” (NEVES, 1986, p. 45). Na fala que polariza a cidade entre “uma elite esclarecida” e “um povo que a admirava e respeitava”, o autor além de reduzir harmoniosamente a população a dois grupos distintos, acentua qual o grupo fora “reconhecidamente” responsável pelo progresso e pela civilidade.

O título de “Princesa do Sertão”, ufanado por todos os memorialistas, foi, para eles, a prova de mais um destaque da cidade que também foi “Corte do Sertão”, “Celeiro do Sertão” e depois, “Rainha do Sertão”. Como também justifica Flávio Neves (1986), esses títulos se vinculam a existência de uma elite atuante naquela cidade, que buscava por em prática os discursos progressistas em voga no Brasil do início do século XX. Tais memórias, ao focar as ações das elites locais, ajudam a construir uma imagem bem-afortunada da cidade, expressa pelo progresso e pela civilidade. Através da publicação em livros, tais relatos alcançaram o *status* de memória oficial, deixando fora do seu enredo uma gama experiências, muitas vezes desviantes, vivenciadas por outros sujeitos naquele mesmo espaço, naquela mesma época.

Nos livros em questão, “a cidade aparece elevando-se acima do patamar das meras aglomerações, frágeis e inconstantes, trazendo a certeza de que ali se constrói uma sociedade organizada, voltada para o futuro” (NETO, 2006, p. 164). A partir de diversos significados que se atribui à cidade, ela aparece como centro de atividades variadas, todas ligadas às formas de vida das elites. Como centro religioso, cultural, educativo, informativo e também político, Caetité reuniu, na descrição memorialista, características como “progresso” e “distinção”.

As imagens da cidade progressista e civilizadora resultaram, em parte, do acesso que os memorialistas tiveram ao *Jornal A Penna*.⁹ Por intermédio da imprensa local, entrou-se em contato com um discurso civilizador e progressista característico do jornalista João Gumes, um discurso que, embora sirva à memória, está inscrito numa temporalidade própria e obedece a motivações que precisam ser consideradas. Comungar com esse discurso, através da evocação de memórias a ele relacionadas, é uma forma de sustentá-lo, de reafirmá-lo e de acolhê-lo para o seio das lembranças que se querem perpetuadas, sem antes questioná-lo.

Noutra medida, as manifestações do progresso difundidas pelo periódico em questão, também foram experimentadas pelos memorialistas ou pela sociedade da qual fizeram parte. Em suas vivências, podem ser identificadas experiências diretas com o “progresso” caetiteense e com a civilização dos costumes, sobretudo, em virtude do lugar social que ocuparam. Dessa forma, suas memórias refletem as experiências com o passado em que tais discursos e práticas foram fomentados.

Alguns ícones, contudo, aparecem como expressões diretas deste progresso e civilidade, que na verdade, se misturavam à ilustração e à cultura. Um deles é o número de escolas, apontado como indício do progresso, da civilidade, mas também, como resultado da intelectualidade e cultura da cidade, motivo de orgulho e prova da distinção daquela sociedade: “E nós, é claro, **nos admirávamos**, pois sabíamos que, em meio a um **oceano de analfabetismo reinante**, nossa cidade contava com várias escolas primárias, dois colégios, uma Escola Normal” (NEVES, 1986, p. 55). (Grifos meus.)

Em meio a um oceano de analfabetismo reinante, Caetité então distinguia-se? Apesar do registro de escolas primárias, colégios e de uma escola profissionalizante,

⁹ O *Jornal A Penna*, conforme Santos (2001, p. 29) (Grifos meus): “editado no município de Caetité, circulou entre os anos de 1897 a 1943. De publicação quinzenal, se dizia o ‘*orgam dos interesses comerciais, agrícolas e civilizadores do alto sertão*’. Era impresso na Typografia d’A Penna, de propriedade de João Antonio dos Santos Gumes, jornalista, romancista e dramaturgo, tendo exercido os cargos de escrivão, coletor estadual e federal, secretário e tesoureiro da Intendência Municipal. Atuou em diversos governos municipais e **seus artigos expressam o pensamento da elite dominante á época**”.

freqüentar os bancos de uma escola nos finais do século XIX e início do XX ainda era privilégio restrito, sobretudo aos enriquecidos. A existência das instituições de ensino naquela cidade refletiu anseios dos grupos mais favorecidos economicamente não devendo, portanto, ser interpretadas como benefícios desfrutados indiscriminadamente pela grande maioria da população.

Além das escolas, a imprensa aparece como sinal de progresso, civilidade e erudição daquela sociedade. Entre os memorialistas em questão, João Gumes, o “dono do jornal”, é descrito quase como um “herói” que:

arrastaria todos os obstáculos e levaria avante o seu ideal de dotar a **sua Cidade** de um Órgão publicitário que veiculasse todos os eventos, medidas e noticiários que **pussem os caetiteenses ao par dos fatos e acontecimentos de relevo cultural e social**, estabelecendo contacto com a imprensa nacional, mantendo contínuo intercâmbio com as áreas bem informadas, de modo a estar, sempre, apto a transmitir os acontecimentos de importância para o nosso Estado, de interesse para o País e, quiçá, de todo mundo (LOBÃO, 1975, p. 95). (Grifos meus.)

A importância de João Gumes nos livros de memorialistas aparece, a priori, em virtude de ter sido ele o fundador da imprensa do no Alto Sertão da Bahia. Entretanto, tal fato ganha maior entonação ao considerar que ele era caetiteense e mantinha laços familiares com Flávio Neves e Marieta Lobão, e laços de amizade (perpetuados por sua família) com Helena Santos. Não há como negar seus méritos como intelectual, jornalista e escritor, contudo, deve-se lembrar que João Gumes fazia parte de uma sociedade elitista e estava sujeito às influências do seu meio social, das suas amizades e do seu tempo. Por isso, seus discursos não são desconexos das idéias que predominavam ou se pretendiam naquele momento.

Sua tipografia marcou-se como uma grande conquista para Caetité ainda nos finais do século XIX, contudo, se insere dentro de um contexto em que viria atender aos anseios progressistas de um determinado grupo social letrado, além de representar um forte instrumento político e ideológico. A Redação do *A Penna*, localizada na rua de entrada da cidade¹⁰, foi descrita como “um ‘Quartel General’ dos intelectuais” (LOBÃO, 1975, p. 100) e o periódico foi posto como imparcial: “Moldada dentro das características de liberdade e de justiça, *A Penna* noticiava com isenção de ânimo, todas as ocorrências que, de certa forma influíssem para o **desenvolvimento e progresso da Cidade**” (LOBÃO, 1975, p. 96). (Grifos meus.) A satisfação que envolveu a existência

¹⁰ A Rua 2 de Julho, onde também morava Flavio Neves.

de uma imprensa em Caetité, fez com que o jornal *A Penna* fosse tomado pelos memorialistas em questão, como espelho da realidade, ajudando a construir a concepção de um passado ideal.

Outras ações ainda perpassaram a justificativa do progresso e da civilidade em Caetité, cuja materialização é descrita com alto apreço pelos memorialistas. É possível citar a implantação do Observatório Meteorológico, cujo orgulho justificava-se em virtude de não se tratar “de um posto meteorológico e sim de uma estação” (NEVES, 1986, p. 55); o encanamento de água, motivado por anseios das elites: “Caetité contava com uma **excelente, idealista e progressista elite. Não se conformavam**, pois, a se abastecerem de água, com aguadeiros, a equilibrarem potes sobre rodilhos na cabeça” (NEVES, 1986, p. 53) (Grifos meus); a energia elétrica, também instalada em virtude da ação elitista, enaltecida pelos memorialistas: “[O caetiteense] **distinguia-se em meio de um atraso generalizado daqueles sertões**. Causou admiração [...] sobre como nos foi possível conseguir uma tal **energia elétrica**” (NEVES, 1986, p. 55) (Grifos meus); a construção do suntuoso Teatro Centenário, pois: “o idealismo do caetiteense exigia um teatro moderno” (NEVES, 1986, p. 26). (Grifos meus.)

Essas ações, todas elas mediadas pelas elites locais e jamais desfrutadas da mesma maneira pelas classes menos abonadas, aparecem, entretanto, nos livros de memorialistas como orgulhos do “caetiteense” – assim, generalizado - motivos de regozijo e demonstração da “distinção” daquele lugar, o que melhor se expressa na fala de Flávio Neves (1986):

Nosso **orgulho** assentava-se, mormente, na **consciência de uma certa elevação cultural** que se espelhava no **número de escolas**, em uma **imprensa**, cujo órgão principal se imprimia em uma “Rotativa Marinoni”, em suas **ruas calçadas**, em suas **residências de bom gosto**, em uma **tradição** que já registrava escolas de Latim no século passado (NEVES, 1986, p. 56). (Grifos meus.)

Esse retrato do passado, produzido repetidas vezes, traz à tona apenas o universo experimentado pelas elites caetiteenses do início do século XX, abafando a atuação de diversos outros sujeitos que também estavam imbricados no processo de construção daquela cidade e da sua memória.

Nessa perspectiva, Robert Pechman (1994), chama atenção para o fato de que “a cidade não se dá a conhecer naquilo que ela explicita, desnuda aos olhares de todos [...] Ao contrário, é na sua “visibilidade” que ela esconde seus segredos” (PECHMAN,

1994, p. 1). Esta sensível percepção torna-se inquietante quando se analisa tudo que tem sido não só mostrado, como, em alguns casos, propagandeado sobre a Caetité. Que cidade tem se revelado ao longo de sua história? Que sujeitos ainda estão escamoteados, o que ainda se esconde por trás de uma cidade “invisível”? A partir de tais reflexões espera-se demonstrar como a memória/história que ecoa até nós foi produzida e perpetuada num campo de disputa entre verdades e valores.

Referências

ESTRELA, Ely Souza. *Os Sampauleiros: cotidiano e representações*. São Paulo: Humanitas; FFCLC/USP; FAPESP; EDUC, 2003.

LOBÃO, Marieta Neves. *O Clã dos Neves*. 1975.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo de história regional e local)*. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 1998.

_____. *História Regional e Local – fragmentação e recomposição da História na crise da modernidade*. Feira de Santana: UEFS; Salvador: Arcádia, 2002.

NEVES, Flávio. *Rescaldos de Saudade*. Belo Horizonte: Academia Mineira de Medicina, 1986.

NETO, Regina Beatriz Guimarães. *Cidades da mineração – memórias e práticas culturais – Mato-Grosso da primeira metade do século XX*. Cuiabá: EdUFMT, 2006.

PECHMAN, Robert Moses. *Olhares Sobre a Cidade*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1994.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

RICCEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: EdUnicamp, 2007.

SANTOS, Helena Lima. *Caetité Pequena e Ilustre*. 2. ed. Brumado: Tribuna do Sertão, 2005.

SANTOS, Paulo Henrique Duque. *Cidade e Memória: dimensões da vida urbana. Caetité, 1940-1960*. 2001. 203 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.